

EUL

A DÉCADA IMPERIAL

JVA

Copyright © 2026 JVA.
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção especulativa. Países, instituições e referências geográficas reais aparecem em uma história futura imaginária. O EUL, seus personagens, leis, tecnologias, conflitos e acontecimentos são ficcionais.

As tecnologias espaciais avançadas descritas no romance são especulativas e não constituem documentação técnica ou instrução de construção.

*“O futuro de um povo não muda quando aparece
um homem capaz de dar todas as respostas.
Muda quando surge alguém capaz de construir um
país onde as melhores respostas podem derrotar até
as ordens desse homem.”*

— atribuído a Aureliano Vilar, Décimo Ano

NOTA AO LEITOR

Este livro não descreve um futuro inevitável. Descreve um futuro possível apenas dentro de sua própria ficção: uma década em que liderança política, capacidade técnica, mobilização social e descobertas científicas extraordinárias convergem sob uma mesma geração.

A narrativa acompanha a transformação do Brasil no núcleo inicial dos Estados Unidos Latino-Americanos e a ascensão de Aureliano Vilar à Coroa Executiva Tecnocrática. Seu poder é enorme; por isso, a questão central não é apenas o que um bom governante conseguiria construir, mas quais instituições seriam necessárias para impedir que até um governante admirado se tornasse maior que o país.

As guerras e crises internacionais são narradas em nível humano, político e estratégico. O interesse da história está na construção de Estado, ciência, infraestrutura, economia, cultura e legitimidade — não em procedimentos operacionais de violência.

A década começa em 2042. Dez anos depois, o continente já não se parece com o lugar que a recebeu.

SUMÁRIO

ANO I — O ESTADO QUE NÃO SABIA RESPONDER

- 01 A Sala sem Números
- 02 O Relatório Vermelho
- 03 A Noite das Sete Renúncias
- 04 A Coroa de Emergência
- 05 Ordem de Divergência
- 06 O Primeiro Quadro

ANO II — O ESTADO APRENDE

- 07 Inventário do Brasil
- 08 Lealdade não é Competência
- 09 O Cofre de Vidro
- 10 Rede Aurora
- 11 Soberania Compartilhada
- 12 O Erro Publicado

ANO III — A UNIÃO COMEÇA

- 13 Assunção
- 14 Montevideu
- 15 O Peso de Buenos Aires
- 16 O Corredor dos Andes
- 17 O Primeiro Mapa sem Fronteira
- 18 Estados Unidos Latino-Americanos

ANO IV — A RESISTÊNCIA

- 19 Santiago não se Curva
- 20 O Inverno do Pacífico
- 21 O Plebiscito Impossível
- 22 Lima e a Porta do Mar
- 23 A Carta Continental
- 24 Nenhuma Vitória sem Consentimento

ANO V — CÁRDIA

- 25 O Círculo no Cerrado
- 26 Cem Milhões

- 27 Engenharia contra o Tempo
- 28 A Cidade sem Dono Antigo
- 29 O Bastião Central
- 30 A América Vista de Órbita

ANO VI — SOBERANIA

- 31 O Chip
- 32 A Farmácia Continental
- 33 A Rede de Energia
- 34 O Fundo de Todos
- 35 O Mercado sob a Coroa
- 36 O Dia em que o Capital Fugiu — e Voltou

ANO VII — VINTE MILHÕES

- 37 O Juramento
- 38 Comando Norte
- 39 Comando Andino
- 40 O Mar sem Fronteiras
- 41 Vinte Milhões
- 42 A Coroa não Comanda Sozinha

ANO VIII — ASCENSÃO

- 43 A Física Recusa o Imperador
- 44 Instituto Helios
- 45 O Material que não Devia Existir
- 46 A Primeira Ascensão
- 47 O Fim do Foguete
- 48 A Porta Orbital

ANO IX — O CONTINENTE COMPLETO

- 49 Cidade do México
- 50 A Última Fronteira do Norte
- 51 O Istmo
- 52 O Caribe
- 53 Classe Condor
- 54 Trinta Mil Vidas

ANO X — DEPOIS DA DÉCADA

55 Córdia, Cem Milhões

56 O Dia das Luzes

57 O Mundo Bate à Porta

58 O Teste da Coroa

59 Dez Anos

60 O Futuro sem Permissão

ARQUIVO CONTINENTAL — CADERNOS
DA DÉCADA

VOZES DA DÉCADA — 60 DEPOIMENTOS

DOSSIÊS ANUAIS — 2042 A 2051

DOCUMENTOS DE IMPLEMENTAÇÃO — 60
PROGRAMAS

DEBATES DO CONSELHO TECNOCRÁTICO

CARTAS E MEMORANDOS DA DÉCADA

CRONOLOGIA E GLOSSÁRIO DO EUL

2042

*Antes de transformar o continente, era preciso descobrir
por que o Estado não conseguia descrever a si mesmo.*

CAPÍTULO 1

A SALA SEM NÚMEROS

Brasília • 2042

Quando a crise chegou a Brasília, ela não chegou como uma ideia política. Chegou como uma fila, uma tela apagada, uma máquina parada e alguém perguntando quem tinha autoridade para decidir.

Uma fila de assessores do lado de fora, jornalistas no corredor e servidores tentando descobrir se aquela reunião acabaria antes da troca de turno. Aureliano Vilar é chamado a uma audiência nacional depois de demonstrar que três ministérios publicavam números incompatíveis sobre energia, alimento e transporte. A formulação parecia simples quando reduzida a uma linha; ao redor dela, porém, havia carreiras, contratos, medos e pessoas que não cabiam na sintaxe de nenhum decreto.

Aureliano Vilar, mestiço, filho de professora pública e técnico ferroviário, tinha quarenta e um anos quando recebeu a Coroa. Formado em engenharia de sistemas e administração pública, falava pouco em público e tinha o hábito irritante de pedir a origem de cada número antes de discutir a conclusão.

O conflito daquele momento era menos elegante: o país não sabe sequer medir a própria capacidade e cada grupo político protege sua versão da crise. Não havia algoritmo capaz de decidir qual risco uma sociedade deveria aceitar. Os modelos podiam estimar custos, atrasos e probabilidades; não podiam fabricar consentimento.

Do lado de fora dos edifícios públicos, ninguém usava a palavra governança. As pessoas perguntavam se o ônibus passaria, se a escola abriria, se o salário compraria comida e se o hospital teria o que o médico prescrevesse.

Camila Torres, jurista constitucional, percebe que Aureliano não pede poder; pede um inventário verificável do Estado. A presença dessa pessoa mudava a reunião porque introduzia uma pergunta que o desenho institucional não resolvera sozinho. Em vez de rejeitar a objeção, o gabinete registrou-a como condição de trabalho.

Uma assessora colocou três versões do mesmo dado sobre a mesa. Aureliano não perguntou qual delas favorecia sua tese. Perguntou quem as havia medido, em que data e com qual margem de erro.

O episódio concreto que tornou a discussão impossível de adiar foi este: um apagão de seis horas deixa hospitais operando por geradores e transforma um debate técnico em questão nacional. O relato chegou ao gabinete com nomes, horários e